

Cuidado de si e liberdade nos quadrinhos¹

Fabio Luiz Carneiro Mourilhe Silva²
Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho tem por objetivo entender como ocorrem as relações de poder no âmbito dos quadrinhos contemporâneos, considerando a articulação de técnicas de si. Verificou-se inicialmente no que consistem estas técnicas de si e como elas foram articuladas com objetivos políticos nos diálogos platônicos. Posteriormente, foi verificado como o cuidado de si e a liberdade entram nas relações de poder, passando pelo conhecimento de si e tomando a forma de resistência na ética de si. Nos quadrinhos, foram analisados alguns dos trabalhos da década de 1940 e 1950, considerando os gêneros de terror e crime. Pode-se perceber o modo pelo qual a indústria se portou frente às imposições morais do subcomitê e como a ética de si e as práticas de liberdade e resistência foram suscitadas com o advento dos quadrinhos underground.

Palavras-chave

Quadrinhos; Foucault; técnicas de si; Frederic Wertham.

Introdução

As práticas do sujeito de se construir, reconhecer como sujeito e de cuidar de si fazem parte de um objetivo maior de investigação dos modos pelos quais os seres humanos tornam-se sujeitos, conforme podemos perceber em certos trabalhos de Foucault. A articulação do ser humano na antiguidade e na era contemporânea pode ter seus pontos em comum em termos de técnicas de si, porém a articulação destas técnicas em torno de relações de poder sofreu deslocamentos em função de objetivos a serem alcançados. No âmbito dos quadrinhos, também temos deslocamentos de técnicas e relações de poder em torno de criadores – os quadrinistas – e os leitores.

Técnicas de si

O conjunto de práticas relacionadas a um cuidado de si tem raízes muito antigas, práticas ritualizadas de muito antes de Sócrates e Platão. Estas práticas pré-filosóficas da Grécia Arcaica seriam uma forma de se atingir a verdade e o saber, de transformar o modo

¹ Trabalho apresentado no GP Produção editorial, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutorando em Comunicação – PPGCOM / UFF; email: funkstroke@yahoo.com

de ser do sujeito, uma tecnologia de si colocada em prática para este fim (FOUCAULT, 1982, p.59).

Destas práticas, temos os ritos de purificação, procedimentos necessários para que o indivíduo fosse capaz de ter acesso aos deuses, realizar sacrifícios, ouvir o oráculo e decifrar sonhos. Não apenas um contato com os deuses, mas um contato com o que os deuses podem nos dizer de verdadeiro. Esta era uma relação comum nas Grécia clássica e helenística, e no mundo Romano (Ibid).

A técnica de concentração da alma era exigida para evitar que a alma – como sopro, que pode ser agitada e atingível pelo exterior – se dispersasse. Assim, é preciso concentrar esta alma, “recolhe-la, reuni-la, fazê-la refluir sobre si mesma, conferir-lhe um modo de existência, uma solidez que lhe permitirá permanecer, durar, resistir ao longo de toda a vida e não se dissipar quando o momento da morte chegar” (Ibid, p.59-60).

A técnica do retiro, outra técnica que data da Grécia Arcaica, era uma forma de se desligar e se ausentar do mundo. “Não mais sentir as sensações, não mais se agitar com tudo o que se passa em torno de si”³ (Ibid). A prática da resistência, vinculada à concentração na alma e ao retiro, envolve a resistência a provações dolorosas e difíceis.

Articulações a partir do cuidado de si no contexto das obras de Platão

No preparo da jovem aristocracia ateniense para a política, daqueles que virão a se tornar os futuros governantes, temos as articulações de um “ocupar-se consigo mesmo” a partir dos diálogos de Platão (FOUCAULT, 1982, p.55).

A estes jovens era conferida uma autoridade de antemão, que podia ser questionada, pois, segundo Foucault (Ibid, p.56), é necessário ocupar-se consigo antes de governar os outros, o que envolve uma pedagogia própria – que em Atenas existia sem, contudo, o mesmo nível de desenvolvimento e empenho de Esparta e dos Persas – pedagogia esta que recebe um caráter secundário perante ao “ocupar-se consigo” no contexto de certos diálogos de Platão, como aquele que se dá entre Protágoras e Sócrates, em que Sócrates indica o tempo como útil não para aprender, mas para ocupar-se consigo (Ibid, p.58). A falta de uma prática de um “ocupar-se consigo” indica então uma ignorância, do que se deveria saber e ignorância de si mesmo sem saber que ignora (ibid, p.57).

³ No estoicismo Romano, temos uma diferenciação radical para a noção de retiro onde, no processo de retirar-se de si mesmo, o sujeito era cortado do mundo exterior. Com técnicas de purificação das representações dos estóicos, por outro lado, era possível discernir as representações puras das impuras, as que podem ser admitidas e as que devem ser excluídas (FOUCAULT, 1982, p.63).

Nos diálogos platônicos em “Alcibíades”, tenta-se definir o que seria o “ocupar-se consigo”, subdividindo-o em “o que é si mesmo” e “o que é ocupar-se” (FOUCAULT, 1982, p.58).

Em Platão, temos numerosos indícios das técnicas de si (Ibid, p.62). Em “Fédon”, por exemplo, temos referências a uma prática de concentração da alma, quando diz que ela deve “se reunir sobre si mesma, ... refluir sobre si, ... residir em si mesma tanto quanto possível”. Fala-se em “Fédon”, também, sobre uma prática de isolamento, do “retiro em si mesmo que se manifestará essencialmente na imobilidade”. Além disso, temos também no banquete a evocação da imobilidade na figura de Sócrates que permanece em pé na neve; e a representação de outra técnica, da resistência à tentação, quando Sócrates, ao deitar ao lado de Alcibíades consegue dominar o seu desejo (Ibid, p.62-63).

Ali, afirma-se que é preciso ocupar-se consigo mesmo, porém, de acordo com o testemunho de Sócrates, corre-se o risco de se enganar, pois é preciso primeiro entender o que é ocupar-se de si. O texto começa com a exposição deste imperativo e do entendimento do que é preciso ocupar-se do que é este eu. Posteriormente, é aplicado um objetivo a este “cuidado de si”, “de tornar-se capaz de governar os outros e de reger a cidade”. Sócrates em diálogo com Alcibíades, por sua vez, já direciona a questão para este objetivo certo: “se queres reger Atenas, vais ter que prevalecer sobre teus rivais na própria cidade, vais ter também que combater e rivalizar com os Lacedemônios e os Persas” (FOUCAULT, 1982, p.65).

Ética da liberdade

A ética, para Foucault (1984, p.267), seria uma prática de liberdade e a liberdade uma condição ontológica da ética. No mundo greco-romano, o cuidado de si constituiu o modo pelo qual a liberdade individual foi pensada como ética, com o cuidado de si atravessando todo o pensamento moral.

Nos gregos, para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si para se conhecer e para se formar, superar a si mesmo para dominar os apetites que poderiam comprometê-lo. “Liberdade significa não escravidão... Ser livre significa não ser escravo de si mesmo nem dos seus apetites”, para que possa “estabelecer consigo mesmo uma certa relação de domínio, de controle, de poder, de comando” (*arché*) (Ibid, p.270). Assim, é delineada uma ética como prática racional da

liberdade na Antiguidade, com relação direta com o cuidado de si e como problema essencial (Ibid, p.268).

Ética no sentido grego, o *éthos*, era uma maneira de ser – de se conduzir e de fazer – visível para os outros. O *éthos* se traduzia pelos hábitos e pela forma de reagir aos acontecimentos. Um belo *éthos* demandava algum tipo de liberdade. Para que uma prática de liberdade possa tomar a forma de um *éthos* e servir de exemplo é necessário um trabalho de si sobre si mesmo (Ibid, p.270).

Aquele que cuidasse adequadamente de si seria “capaz de se conduzir adequadamente em relação aos outros e para os outros”. Contudo, Foucault (1984, p.271) salienta que o cuidado dos outros não deve vir antes do cuidado de si.

Cuidado de si e as relações de poder

As práticas de si, conforme já visto, tiveram nas civilizações greco-romanas grande importância e autonomia – com um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procurava elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser – antes de serem utilizadas por instituições religiosas, pedagógicas, médicas e psiquiátricas (FOUCAULT, 1984, p.265).

Em seu texto “O sujeito e o poder” (1982b), Foucault salienta uma prática de transposição de certos mecanismos utilizados e associados às práticas de poder. O fascismo e o nazismo, por exemplo, se valeram de ideias e artifícios de uma racionalidade política para implantar seus objetivos. Fica clara aqui a relação entre a racionalidade e excessos políticos.

A racionalização da sociedade e da cultura pode ser percebida como reflexo em diversos campos, como a psiquiatria, a medicina e a justiça, sempre com referência a uma experiência fundamental, como a loucura, a doença, a morte, a sexualidade etc. Devem, segundo Foucault (1982b, p.233), contudo, ser analisadas racionalidades específicas, ao invés de uma racionalização geral.

Foucault (1982b, p.234) sugere uma postura para lidar com as relações de poder que tem como ponto de partida a utilização de diferentes formas de resistência contra diferentes formas de poder ⁴, utilizando a resistência como modo de esclarecer as relações de poder, sua posição, aplicação e métodos utilizados, para analisar as relações de poder através de

⁴ O cuidado de si seria, de acordo com Foucault (1984, p.272), uma maneira de controlar e limitar o poder.

suas posições antagônicas. Assim, segundo ele, para se compreender a sanidade em nossa sociedade, devemos entender o que ocorre no campo da insanidade.

Outras oposições correntes em nossa sociedade, indicadas por Foucault (1982b, p.234), incluem a oposição entre as mulheres e o poder dos homens, entre pais e filhos, entre doentes mentais e a psiquiatria, entre a medicina e a população, e entre a administração e os modos de vida da população.

Existe uma relação de violência e subjetivação que age sobre um corpo e ao mesmo tempo uma resistência. Uma relação de poder ⁵ se articula em torno destes dois polos que lhe são indispensáveis, dois polos que funcionam através de atos de violência e consentimentos, instrumentos ou efeitos do poder.

O conceito de conduta reflete estes dois polos, como ato de conduzir e maneira de se comportar. O exercício de poder ⁶, para Foucault (1982b, p.244), consiste em conduzir condutas.

Apesar de acumular mortes e se abrigar sob ameaças, o exercício do poder não é em si mesmo uma violência ou um consentimento, mas sim um conjunto de ações sobre ações, uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos. “Opera sobre um campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos” (FOUCAULT, 1982b, p.243) e não se refere apenas às estruturas políticas e à gestão dos estados.

Para que o poder possa ser exercido, estes indivíduos ativos, segundo Foucault (1982b, p.244), devem ser livres – capazes de diversas reações ou modos de comportamento. Não há relação de poder quando as relações estão saturadas – com os sujeitos completamente à disposição a se tornar coisa ou objeto sobre o qual pode ser aplicada violência ilimitada –, mas sim quando, no limite, o homem pode escapar. Temos, assim, uma relação de incitação recíproca e de luta, uma provocação permanente de ambos os polos.

É preciso que haja os dois lados. Mesmo com a relação de poder completamente desequilibrada – estados de dominação onde não é mais possível uma mobilidade que permite que os diferentes parceiros modifiquem estratégias (FOUCAULT, 1984, p.266) –, para o subjugado ainda é possível matar ou se matar. Existe uma possibilidade de

⁵ Relação de poder é um modo de ação que age diretamente sobre sua própria ação, “uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes”. Relações de poder são aquelas que podem ser encontradas em diferentes níveis e formas, se estendem pelas relações humanas. Podem ser móveis, reversíveis e instáveis. “Não são dadas de uma vez por todas” (FOUCAULT, 1984, p.276).

⁶ Para Foucault (1982b, p.242), o exercício de poder é um modo de ação de alguns sobre outros.

resistência. Se existem relações de poder no campo social, é porque existe liberdade (Ibid, p.276-277).

Com o abuso de poder – quando se vai além do exercício legítimo – fantasias, apetites e desejos do tirano são impostos aos outros. Aproveita-se assim do poder e da riqueza para abusar dos outros, para impor um poder indevido. De acordo com Foucault (1984, p.271), na realidade este homem que é o escravo, escravo de seus apetites. O bom soberano, por outro lado, é aquele que exerce seu poder adequadamente, exercendo seu próprio poder sobre si da mesma forma, pois “o poder sobre si que vai regular o poder sobre os outros”.

Nas “Mémorables” de Xenofonte, indica-se a necessidade de cuidado de si do bom governante, como “condição pedagógica, ética e ontológica para sua constituição” (Ibid, p.278). A noção de governabilidade está relacionada ao “conjunto de práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação com os outros” (Ibid, p.285).

Quadrinhos e relações de poder

Relações e exercício de poder junto a um cuidado de si como prática de uma ética de si e liberdade podem ser percebidas com clareza no universo que envolve os quadrinhos – incluindo criadores, revistas em quadrinhos, leitores e críticos mais fervorosos – entre a década de 1940 e 1960.

Nos quadrinhos, temos uma prática de liberdade na expressão desvinculada de controles de conteúdo e de gênero. Temos também, por outro lado, tentativas de coibir esta liberdade, tida como forma de comprometimento de preceitos morais. Temos, assim, um processo de higienização dos quadrinhos que culminou com o banimento de gêneros específicos e com o surgimento de novas tendências.

Quadrinhos de crime e terror

A perseguição aos quadrinhos de crime os elegeu como pivôs – junto aos quadrinhos de terror e com a extrapolação de Wertham a todos os tipos de quadrinhos – de uma onda de recriminação intensa contra os quadrinhos, que não se limitou mais a estes gênero específico, o que levou a indústria a assumir um código de ética interno que regia o que poderia ser veiculado como conteúdo, um reflexo do poder imposto a partir das resoluções do subcomitê para a delinquência juvenil e das diversas críticas recebidas.

Como variação extrema dos quadrinhos de crime, temos a emergência de um novo gênero que ganhou força, os quadrinhos de terror.

Frederic Wertham

Com a grande evidência e sucesso comercial dos gêneros de crime e terror ⁷, os quadrinhos passaram a sofrer críticas cada vez mais fervorosas. Wertham em seus artigos e livro “Sedução dos inocentes” (*Seduction of the innocent*) condensa as críticas diversas de sua época contra os quadrinhos. O título de seu livro faz referência aos anteriores “Traps for the Young” de Anthony Comstock e a máxima de Sterling North de 1940, segundo a qual os quadrinhos seriam um “massacre cultural dos inocentes” (*cultural slaughter of the innocents*) (HAJDU, 2008, p.232). Sedução dos inocentes tinha um estilo sensacionalista e foi rotulado pelos editores como “o livro mais chocante do ano”.

De acordo com Hajdu (2008, p.233-234), as conclusões de Wertham foram derivadas principalmente de diagnósticos psiquiátricos de seus pacientes nos três centros de tratamento em Nova York ⁸. Basearam-se exclusivamente nos casos que chegaram até ele e sua equipe. Extrapolou em suas avaliações que todos os quadrinhos – e não apenas os de crime ou terror – seriam prejudiciais à mente dos jovens. Assim, quadrinhos de crime, sob sua ótica, passavam a se referir a diversos gêneros, como romance, faroeste, ficção científica, paródias e *jungle comics*, nos quais sempre haveria algum tipo de violação dos códigos legais, morais e religiosos.

Seu posicionamento em relação aos quadrinistas é igualmente absurdo. Wertham era incapaz de ver os quadrinhos como trabalhos de expressão criativa, produtos da mente e coração de seus respectivos escritores e artistas.

Os escritores das histórias em quadrinhos raramente querem ser escritores de ‘quadrinhos de crime’... Eles querem ganhar seus dez dólares por página e pagar seu aluguel. Eles não escrevem histórias em quadrinhos por auto-expressão emocional ou artística. Eles não são homens livres. Eles recebem ordens e obedecem – senão... Mas é óbvio, assim como os jornalistas, eles devem ter medo do poder econômico da indústria de quadrinhos... Sempre que a questão do controle dos quadrinhos de crime é levantada, a indústria começa a falar sobre a liberdade de expressão... mas o texto e o desenho são combinados, não criados. E não existe nenhuma liberdade para esta combinação (WERTHAM apud HAJDU, 2008, p.237).

⁷ Os quadrinhos de terror não foram diretamente tratados em SOTI, mas tiveram sua presença nas audiências do subcomitê com Bill Gaines comparecendo para tentar defender o gênero.

⁸ Foi psiquiatra do departamento de hospitais de Nova York entre 1932 e 1952 e diretor da clínica de higiene mental do Hospital Bellevue.

Wertham, desta forma, ignorava como os quadrinhos podem estar relacionados às vidas particulares de seus criadores, refletindo suas fantasias, fraquezas e frustrações.

Resumindo, realizou correlações persuasivas entre o comportamento de jovens problemáticos e seus hábitos de leitura, entre crime juvenil e quadrinhos de crime. Desconsiderou, contudo, a popularidade dos quadrinhos em uma época em que praticamente todas as crianças liam quadrinhos – inclusive os quadrinhos de crime. Chegou a tentar e exigir, com insistência, que fossem criadas leis para recriminação formal dos quadrinhos (NYBERG, 1998, p.x). Assim, Wertham pode ser considerado o principal responsável pela condenação e os rumos pelos quais a indústria de quadrinhos passou.

Comics Code

Como resultado dos procedimentos e posicionamentos que culminaram com as investigações e processos realizados pelo subcomitê do senado americano para investigar a delinquência juvenil, tivemos mudanças radicais em termos de estilo e conteúdo, com o abandono obrigatório de títulos, vocabulário e personagens e o desaparecimento de uma série de editoras ⁹. Todo este esforço foi alcançado com o objetivo de realizar uma limpeza dos quadrinhos. O ataque partiu daqueles que acreditavam que a mídia era feita exclusivamente para crianças e que por isso deveria ser alterada de acordo com conceitos muito estreitos de higiene mental. Isto ocorreu em uma fase em que os quadrinhos estavam alcançando seus níveis mais altos de sofisticação em termos de conceito e execução (LES DANIELS, 1971, p.83), especialmente no que tange os quadrinhos da EC Comics. Como resultado, temos um retrocesso nos quadrinhos, que se viram forçados a assumir padrões infantis quando o seu potencial para a maturidade começava a ser explorado.

Preocupada em limpar seu próprio nome perante a sociedade, seguindo a sugestão do sub-comitê, a indústria criou um código de ética próprio definitivo, o Comics Code, direcionado pelo Comics Code Authority ¹⁰. Incluía uma lista de restrições que as publicações participantes deveriam atender. Em troca pela cooperação, seria permitida a ostentação do selo do código na capa, uma garantia contra boicotes nos pontos de venda. Foi auto-promovido como a mais opressiva força de censura da América. Ao que poderia parecer, contudo, Frederic Wertham não fez parte do Comics Code Authority (Ibid, p.84).

⁹ Apesar dos esforços de Wertham, o subcomitê não conseguiu recomendar procedimentos formais para a contenção dos quadrinhos. Ao invés disso, pediu à indústria que se autopoliciasse (NYBERG, 1998, p.X).

¹⁰ Códigos de ética para as revistas em quadrinhos começaram a ser testados em 1948. O código inicial, proposto pela ACMP (Association of Comics Magazine Publishers), foi duramente criticado por Wertham, que o considerava um farça (NYBERG, 1998, p.35).

Com o código, ficava fácil retirar do mercado as publicações indesejáveis ao CCA, sem ter que provar sua ilegalidade. Assim, um código que foi criado para autodefesa da indústria, provou ter um efeito suicida (Ibid, p.84).

Para Les Daniels (1971, p.86), o tempo mostrará que ninguém pode limpar os quadrinhos. “A sujeira continua a crescer como se fosse um fungo. Mesmo os quadrinhos aprovados pelo código encontraram novos meios de veicular a trilogia indicada por Wertham de sexo, violência e anarquia” (LES DANIELS, 1971, p.86).

Em 1954, com a indústria em crise, Harvey Kurtzman já proclamava na capa da revista “Mad” #16, na simulação de uma capa de um jornal, em meio à prisão de um desenhista, o título “Comics go underground”. Em meio à criminalização da mídia, Kurtzman parecia indicar para os quadrinhos a única saída possível.

Quadrinhos underground

Como resistência às imposições do Comics Code, temos os quadrinhos underground, que se desvincularam destes preceitos, com a articulação de uma expressão que entra em conflito com valores tradicionais diversos, reivindicando o direito à liberdade.

Os quadrinhos underground, apesar de a primeira vista parecerem infantis, não são destinados às crianças, trazendo inclusive lembretes do fato na capa. Estes quadrinhos lidam com temas polêmicos, como droga, sexo, religião, política etc., e se distanciam de campanhas moralistas da mídia – e da própria mídia – inclusive com desprezo ao Comics Code.

Conclusão

As práticas relacionadas a um cuidado de si que surgiram na antiguidade foram absorvidas dentro de inúmeras escolas, estratos e contextos variados. Nas representações conduzidas nos quadrinhos, podem-se perceber em certos casos específicos as técnicas de si em práticas muito próximas de sua intenção original, nos quadrinhos que tratam do misticismo, tanto do gênero terror, como nos quadrinhos *mainstream* relacionados ao universo da magia; em representações do mundo grego, como aquela que se dá na obra de Eric Shanower “Era de bronze” (*Bronze Age*); e na materialização e relação simbólica que se tem com o sonho em “Sandman”. Além disso, temos também a realocação destas técnicas em novos contextos modernos e contemporâneos com novos objetivos, quando se

dá, por exemplo, sua inserção nas práticas da psiquiatria, em um jogo de verdade onde os homens buscam compreender aquilo que são e com os pacientes nos estudos psiquiátricos, como se deu no caso de Frederic Wertham, quando este interpretou seus pacientes de forma arbitrária. Wertham, apesar de seguir uma trilha de condenação e demonização dos quadrinhos iniciada por outros, foi quem conseguiu centralizar e organizar algumas das críticas perpetradas anteriormente em uma obra única, visando uma higienização do leitor e dos quadrinhos.

O leitor das HQ, peça importante neste contexto, também deve ser considerado em termos de cuidado de si, pois as críticas recebidas pela indústria de quadrinhos passavam justamente pela forma como as crianças estavam sendo educadas com a leitura dos temas polêmicos veiculados nos quadrinhos de crime e terror das décadas de 1940 e 1950. Teríamos a formação de um jovem não a partir de uma purificação e sim através do contato com uma desvirtude, que prescinde de uma capacidade de discernimento, capacidade esta que surge e se desenvolve no processo. Ocupa-se consigo através da leitura, podendo se reconhecer no personagem das HQ.

Sem deixar claro qual seria o público-alvo das revistas, talvez por não querer perder um público de leitores muito jovens que era audiência garantida, a indústria de quadrinhos se tornou vulnerável. Com este aspecto, talvez possamos pensar em um conhecimento de si e uma identidade para os quadrinhos que foram colocados de lado em favor da manutenção de um público leitor infantil. Uma identidade e um posicionamento tiveram de ser definidos, contudo, no contexto da era posterior à implantação do Comics Code, sob o risco de sofrer represálias da sociedade – grupos civis e religiosos que atuavam coibindo a comercialização dos quadrinhos nos pontos de venda. Assim, os quadrinhos tiveram de trazer disponibilizado na capa uma definição quanto à natureza da publicação, no caso, direcionada a um público adulto, com as indicações de “adults only” ou “for matures readers”, e também assumir um novo formato maior, de *magazine*, que o distinguiu do formato característico do gibi e permitia que estas publicações fossem expostas nas bancas em local diferenciado. Este último procedimento foi utilizado pela revista “Mad” e revistas de terror da Warren.

Por outro lado, no que se refere à prática e educação do desenhista, podemos também considerar um processo de conhecimento de si que precede à própria educação, com a autoimagem do desenhista servindo de referência para a representação de faces, detalhes e tipos de movimento dos personagens, um ocupar-se consigo que envolve, além se sua

técnica, os próprios quadrinhos, as tintas e a expressão do autor. A concentração em si por parte do autor pode levá-lo ao desenvolvimento de um estilo próprio que o torne reconhecível entre os leitores e, por outro lado, uma cultura e um cuidado de si que permitam que ele tenha total liberdade sobre temas diversos, capacidade de passear por outros estilos e realizar criações gráficas sem se limitar necessariamente à representação de virtudes.

Um ímpeto em direção à virtude parece permear as revistas em quadrinhos em seus momentos iniciais, mas o caráter humorístico e os temas polêmicos posteriores que colocaram em cheque os valores morais tradicionais redirecionaram os quadrinhos não para longe da verdade e do saber, mas para um plano onde é possível questionar a própria noção de virtude.

Desta forma e com todos os processos e críticas sofridos pela indústria e pelos criadores dos quadrinhos, foi possível conhecer-se a si mesmo, de maneira muito explícita com todos os detalhes minuciosamente expostos. Contudo, foi um processo doloroso onde um cuidado de si extremo se fez necessário com ritos de purificação radicais que visaram não alcançar os deuses, mas tentar manter a indústria e fazer com que parassem de ser queimados gibis em praças públicas – expurgo e rito de purificação utilizado pela sociedade para acabar com o que se tornou o símbolo da maldade, do pecado, do desrespeito e da libertinagem, as histórias em quadrinhos.

Assim, a indústria teve de se concentrar em si mesma ou no que havia sido um dia, exemplo de práticas dignas e um comportamento absolutamente pudico. Organizou-se em torno de um código de ética que não poupava o menor deslize moral. O que restou da indústria das histórias em quadrinhos pode refluir sobre si mesmo, com uma solidez que a permitiu durar. O fim, contudo, chegara para grande parte da indústria, com muitas editoras fechando as portas.

Uma resistência, porém, só pôde ser cogitada tempos mais tarde com o advento das publicações independentes, pois os quadrinhos regidos pelo Comics Code conseguiram refluir apenas através de regras impostas que não consideravam uma expressão artística plena, nem o leitor adulto.

Se levarmos em conta estes aspectos, temos um estado de morte aparente dos quadrinhos que durou mais de dez anos. Posturas críticas e combativas no âmbito das histórias foram retiradas, colocadas em suspenso, para voltarem com força e de forma muito mais incisiva.

Junto às forças repressivas, “ninguém se preocupou se a liberdade estava em cheque. Indicava-se apenas a necessidade de proteger as crianças” (LES DANIELS, 1971, p.85).

Para Frederic Wertham, liberdade parece não ter a devida importância, pois distorceu informações e induziu a interpretações falsas dos fatos. Apesar de ter tentado definir o modo de funcionamento das relações dos indivíduos, sua ação se mostrou limitada por um lado – na medida em que surgiram mais tarde alternativas para novos modos de expressão nos quadrinhos – e, por outro lado, eficaz no tolhimento total dos quadrinhos – para muitos, o seu fim.

Sua postura tirânica e antidemocrática fica visível em seu posicionamento. “As pessoas tem de aprender que se trata de uma ideia distorcida pensar que a democracia significa dar ao bem e ao mal uma chance de expressão. Deve-se compreender que esta liberdade não é uma coisa plausível de se ter, mas algo que deve ser tratado” (WERTHAM apud HAJDU, 2008, p.239).

Wertham em sua visão distorcida da dinâmica das relações de poder deixa de lado a possibilidade da expressão com liberdade. Parece que a ênfase de seu raciocínio caminha para uma libertação – esvaziamento da expressão em um panorama moral que, contudo, condena a ética de si.

Considerando a classificação dos quadrinhos como mídia perniciososa e indutora de uma delinquência juvenil e sua prática como elemento de justificação de sua própria coibição – que redundou em uma censura induzida pela racionalização inerente a campos como a psiquiatria, justiça e política –, temos um panorama em que os quadrinhos indicam um antagonismo ao poder instituído e atuam nas relações de poder como formas de resistência. Com o Comics Code, assumem, contudo, uma racionalização que lhes seria antagonica, racionalização esta que é posta de lado no contexto dos quadrinhos underground. Assim, temos os quadrinhos underground como resistência e modo de esclarecer as relações de poder, conforme método indicado por Foucault. O poder da Igreja, por exemplo, foi colocado em cheque através de manifestações dos quadrinhos underground. A posição da Igreja pode ser verificada em certos quadrinhos como “Tales from the leather nun” de Dave Sheridan (1973), como ato reverso, quando o ato sexual sublimado pela religião católica passa a ser, pelo contrário, aqui colocado em evidência; com a ridicularização da Igreja; e com amostras da aplicação do poder e método da Igreja, que são indicados de forma extrema, quando a penitência passa a ser atingida com o auxílio do chicote.

Fica claro o que está sendo proibido pelo código de ética: quase tudo o que é colocado de modo enfático e polêmico em termos de sexo, drogas, violência e linguagem. A posição do Comics Code pode, com os quadrinhos underground, ser percebida às avessas, como não conservadorismo, não moralismo etc. Os quadrinhos underground mostram, desta forma, exatamente o que é combatido pelo Comics Code, seu ponto de aplicação. Assim, fica aqui indicada esta relação de oposição entre poder e resistência, onde certa liberdade em relação ao código indica uma possibilidade de controle e comando, com uma ética de si que se torna possível.

Bibliografia

Benton, Mike. **The Illustrated History of Crime Comics**. Dallas: Taylor Publishing Company, 1993.

Bissette, Stephen. **A Horrific view of comics**: a chat with Stephen Bissette. Disponível em: <http://www.comicbookresources.com/?page=article&id=2792>, acessado em 10/1/2011 (2003).

Corben, Richard. Cooke, Jon B. Roach, David A. **The Warren Companion**. Raleigh: TwoMorrows Publishing, 2001.

Estren, Mark James. **A history of underground comics**. New York: Simon and Schuster, 1974.

Foucault, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Coleção Tópicos. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006 (1982).

_____. O sujeito e o poder. In: **Michel Foucault**: uma trajetória universitária, para além do estruturalismo e da hermenêutica. Ed.: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1995 (1982b).

_____. A ética do cuidado do si como prática de liberdade. In: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 (1984).

Guiley, Rosemary. **The Encyclopedia of vampires, werewolves, and other monsters**. New York: Checkmark books, 2004

Hajdu, David. **The Ten-Cent Plague**: the great comic book scare and how it changed America. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.

Les Daniels. **Comix**: A History of the Comic Book in America. New York: Bonanza Books, 1971.

Nyberg, Amy Kiste. **Seal of approval**: the history of the comics code. Jackson: University of Mississippi Press, 1998.

Wright, Bradford W. **Comic Book Nation**: The Transformation of Youth Culture in America, Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.